



Watta Ka>ii:
voltar à origem
para recuperar o futuro





No município de Manaure, em La Guajira colombiana, duas culturas e diversos atores encontram-se para buscar respostas em conjunto para um problema vital: a sobrevivência das crianças.

Zero mortes. Esse é o resultado do projeto piloto de Watta Ka>ii que mais chama a atenção. Enquanto nos dez anos anteriores a 2014 ocorreram 57 mortes de crianças por desnutrição nas seis comunidades atendidas pelo projeto das fundações Promigas e Alpina, entre 2015 e 2016, nessa mesma área e devido à intervenção do projeto, esse número foi reduzido a zero.

O problema – a mortalidade infantil por desnutrição e por falta de atenção em saúde –, um dos mais vergonhosos e dramáticos da Colômbia do século XXI, tem hoje à mão ao menos uma solução possível.

Em La Guarija, cerca de 20% da população indígena da Colômbia, a maioria da etnia Wayúu, afunda dispersa em meio a altas temperaturas e chuvas escassas, em um entorno árido e seco, um deserto impiedoso que torna muito difícil a sobrevivência. Um deserto onde o Estado é omissivo, indolente e paternalista, e que é controlado por uma classe política voraz e corrupta.

Apesar de possuir grandes jazidas de gás e carvão, o PIB per capita desse departamento em 2015 alcançou apenas 53,7% da média nacional¹. 55% de sua população, a maioria rural e indígena, encontrava-se, nesse ano, abaixo da linha da pobreza. As suas finanças públicas, altamente dependentes da exploração de recursos naturais, são frágeis e poucas vezes chegam a solucionar os problemas dos mais pobres.

O município de Manaure, onde foi desenvolvido o Watta Ka>ii (perdurável, na língua Wayúu), está situado no litoral Atlântico, a 60 quilômetros da capital, Riohacha. O local possui poucas correntes de água doce e escassos depósitos de água adequada para o consumo humano, e não escapa da realidade que acomete todo o departamento: a contaminação das fontes subterrâneas e as fortes secas durante todo o ano.



¹ O PIB de La Guajira em 2014 chegou a 5.685 milhões de pesos constantes de 2015, segundo dados da Câmara de Comércio desse departamento.



O começo: um diálogo aberto

A Fundação Promigas trabalha há vinte anos em La Guajira, mais especificamente nas áreas onde a empresa Promigas opera²: Riohacha, Manaure e Dibulla. Começou administrando “lares de bem estar”, interessada principalmente em melhorar a nutrição. Posteriormente, entre 2006 e 2008, trabalhou em um projeto de construção do currículo etnoeducacional e intercultural e na produção de materiais educativos em wayuunaiki, nas instituições de Manaure.

Em 2008, decidiu concentrar-se na geração de conhecimento na área de educação. Desde então, vem trabalhando com todo o ciclo escolar, mas principalmente com a primeira infância, incorporando componentes de nutrição e saúde: alimentação escolar, práticas de autocuidado, participação da família nos processos educativos.



² A Promigas transporta 49% do gás natural que se distribui na Colômbia. Em La Guajira, distribui o combustível através da *Gases de La Guajira*.



O DIÁLOGO MOSTROU
QUE ERA NECESSÁRIO
IR MAIS ALÉM
E ADIANTAR UM
DIAGNÓSTICO A PARTIR
DO ENCONTRO DA
CULTURA WAYÛU COM A
CULTURA OCIDENTAL.

Esse trabalho trouxe muitos aprendizados, mas também muitas questões. Entre elas, escolheram continuar desenvolvendo duas: a primeira, a necessidade de facilitar o diálogo entre os níveis pelos quais a criança transita quando sai de sua casa e vai para a creche ou para o jardim de infância, em seguida para a pré-escola, e daí para o primário.

A outra refere-se à necessidade de desenvolver instrumentos próprios para medir as condições de aprendizagem desse grupo de crianças, entre quatro e sete anos. “Constatamos em nossa experiência com a primeira infância que não havia maneiras de medir essas condições para a aprendizagem – conta Sandra Castro, responsável pelo Watta Ka>ii na Fundação Promigas –, de realmente avaliar as crianças e saber como estava o desenvolvimento da aprendizagem desde a pré-escola até a universidade. Esse também era um terreno deserto”.

Nesse momento, a Fundação Alpina buscava um aliado experiente que pudesse ajudá-la a melhorar os seus projetos de segurança alimentar (principalmente hortas comunitárias e rebanhos ovino-caprino) nas escolas das comunidades indígenas onde trabalhavam, também em Manaure. Queriam motivar e envolver os docentes, as autoridades e outros atores para que esses projetos permeassem as instituições educativas, que até esse momento mantinham-se à distância. Assim, contactou a Fundação Promigas.

Decidiram trabalhar juntas nas comunidades indígenas atendidas pela Fundação Alpina: Chispana, Pactalia, Waimaral, Chichitshii, Iyshpa e Polumatchon, todas do município de Manaure. 229 famílias, 639 crianças escolarizadas em três instituições educativas. Optaram por começar revisando o trabalho feito por cada instituição, mas não fizeram isso sozinhas. Para dialogar com as equipes técnicas de ambas as fundações, convocaram as autoridades indígenas das seis comunidades, bem como as autoridades locais: as secretarias de Educação, Saúde, Assuntos Indígenas, e o Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar, ICBF. Estabeleceram um diálogo sobre as ofertas provenientes das fundações e instituições e as demandas que essas comunidades possuíam.

“Quando pensamos em uma comunidade indígena onde os processos de educação, de saúde, de justiça estão dentro do próprio projeto de vida comunitária – comenta Julio Martín, diretor da Fundação Promigas –, devemos necessariamente abordá-lo com a comunidade, e em especial com as lideranças da comunidade. Eu acredito que esse é um elemento chave dessa iniciativa”.

Ayaawataa, o caminho para um diálogo multicultural

Logo em seguida, o mesmo diálogo mostrou que era necessário ir mais além dos objetivos que ambas as fundações prefiguravam e adiantar um diagnóstico a partir do encontro da cultura Wayúu com a cultura ocidental. Para tanto, as próprias autoridades indígenas mostraram o caminho ao partilhar as suas formas de pensar os problemas.

Desse modo, surgiu a ideia de utilizar uma estratégia enraizada na cultura Wayúu: a *ayaawataa*, uma forma de tecer a representação simbólica da família e da comunidade, seus membros, sua história e seus problemas, em uma grande manta que todos poderiam ler com facilidade, diluindo assim as dificuldades de linguagem e interpretação e facilitando a abstração e visibilização das relações, dos problemas e das soluções.

A Fundação Promigas já havia trabalhado em onze comunidades do departamento com essa metodologia, em um projeto com a Unicef, e por isso decidiu aproveitá-la. Para tanto, chamou a Fundação Fucai, tinha sido a responsável pela sua aplicação, para que participasse como aliado estratégico na operação do projeto. Com a *ayaawataa* – que significa para a comunidade wayúu reconhecer e se reconhecer, tomar



A *ayaawataa* é uma forma de tecer a representação simbólica da família e da comunidade, sua história e seus problemas.



As ayaawataas familiares formaram um observatório comunitário permanente e contribuíram para a criação de um observatório institucional.

consciência e cuidar da infância –, iniciou-se o trabalho de linha de base e diagnóstico, mas logo a estratégia tornou-se um observatório da comunidade para acompanhar as problemáticas da infância.

O primeiro passo da *ayaawataa* é a representação simbólica da família. São tiradas fotografias do conjunto familiar (muitos deles nunca tinham tirado uma foto em família). Depois, identificam simbolicamente quem são os membros, quantos são, quem está faltando e por quê. Em seguida, realiza-se um desenho da foto, no qual é feito uma reconstrução simbólica de seus integrantes e da ordem desses integrantes no sistema familiar.

Com essa representação gráfica, a problemática da infância ganha profundidade. Desse modo, tornou-se evidente a importância das crianças, bem como a sobrevivência dos adultos para que possam se dedicar ao cuidado delas.

Com essa informação, iniciou-se um exercício de reflexão em oficinas comunitárias, sendo esse o segundo passo da *ayaawataa*. Desse modo, constatou-se que 99% das causas de mortalidade infantil poderiam ser evitadas.



Depois, passou-se para a representação cultural, que é o terceiro passo da *ayaawataa*, na qual se busca fazer o acompanhamento do cuidado da infância. Começa-se a olhar toda a oferta interna que a comunidade possui e os símbolos que existem na comunidade que podem ser transportados para a cosmovisão ocidental, porém a partir da cosmovisão indígena. Ao redor dessa discussão, aparecem os atores que são responsáveis pelo tema saúde na comunidade. Em seguida, comparam com a oferta ocidental, externa. Desse modo, identificam aquilo que não possuem para o atendimento de casos infantis mais graves, e que a oferta ocidental pode complementar. A partir daí, o fio condutor entre os problemas, as comunidades indígenas e as instituições estatais, começa a ser tecido.

‘HÁ UM OBJETIVO PRINCIPAL POR TRÁS DESSES OBJETIVOS. CONSEGUIR QUE O POVO WAYÚU SE APROPRIE DE SUA PROBLEMÁTICA DE SAÚDE E A ADMINISTRE DE MODO SISTEMÁTICO’

Assim, cresceram as *ayaawataas* familiares, que juntas formaram um observatório comunitário permanente e contribuíram com a criação de um observatório institucional para monitorar o apoio dos agentes estatais.

Todos contribuem

Watta Ka>ii estabeleceu como objetivos específicos acompanhar os órgãos locais, as autoridades, as famílias, os diretores e os docentes na identificação e priorização das ofertas locais em saúde e nutrição, para que atendessem as necessidades da escola e da comunidade; propiciar espaços de concertação e diálogo para integrar saberes e práticas da cultura Wayúu com estratégias de educação alimentar e de educação em saúde, tanto nas instituições de educação quanto nas famílias; acompanhar as autoridades indígenas para lhes dar voz e visibilizar os seus saberes e práticas ancestrais; e aumentar as suas capacidades de negociação com a institucionalidade estatal.

“Há um objetivo principal por trás desses objetivos, afirma Julio Martín: conseguir que o povo Wayúu se aproprie de sua problemática de saúde e a administre de modo sistemático, buscando soluções tanto dentro da comunidade quanto diante de entidades responsáveis pela prestação de serviços de saúde”. E destaca que “se trata principalmente de possibilitar o diálogo entre os sistemas públicos de serviços de saúde e as práticas de saúde das próprias comunidades, que são milenares e de grande valor, pois fazem parte de sua própria identidade”.

Os primeiros resultados do diagnóstico mostraram que era preciso tomar algumas medidas urgentes. De 124 crianças, quase 70% corriam risco de morte por desnutrição, o que exigiu

uma atenção prioritária, da qual o ICBF³ participou com a oferta de complementos vitamínicos, e a Secretaria de Educação com cestas básicas com alto teor nutricional, recursos que possibilitaram atender o problema imediatamente, e assim reduzir a zero a mortalidade. Nos últimos quatro anos nenhuma criança faleceu nessas comunidades.

Também foram feitas descobertas surpreendentes. Por exemplo, em uma família de seis membros, cada um estava filiado a uma EPS⁴ diferente, devido a campanhas políticas com as quais as empresas faziam suas ofertas, e os usuários não sabiam que podiam escolher, ou eram convencidos com presentes promocionais. Assim, buscou-se um caminho para que as famílias tivessem apenas uma EPS. As seis comunidades organizaram-se para que as empresas prestadoras da região se tornassem presentes e para que fossem reinstaladas em conjunto com a comunidade. As EPS chegaram novamente com presentes e ofertas, porém encontraram uma comunidade organizada que exigiu explicações para, dessa forma, decidir qual caminho escolher.

O caso específico das EPS é apenas um exemplo de como foram estabelecidas pontes, rotas de diálogos entre as autoridades Wayúu e as instituições, nas quais foram eliminados os intermediários, geralmente agentes políticos com interesses próprios, que atuam como tradutores e gestores das necessidades dos indígenas.

Assim, por meio das *ayaawataa*, os problemas foram se tornando visíveis, mas também possibilitou tecer a participação dos diferentes atores envolvidos no projeto na busca de soluções. Junto com todas as famílias das seis comunidades, que deram andamento e alimentaram as *ayaawataas* familiares, trabalharam as autoridades



O principal esforço do Watta Ka'ii foi com as crianças. Quase 70% delas corriam risco de morte por desnutrição. Conseguiu-se reduzir o risco para zero.



³ Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar.

⁴ Entidade prestadora de saúde.

indígenas, que lideraram a elaboração dos observatórios comunitários, participaram da construção do observatório institucional, e fortaleceram as suas capacidades para monitorar, gerar alertas preventivos e tomar decisões sobre os problemas propostos pelos observatórios.

As instituições de educação, além de terem oferecido os seus espaços para realizar o processo, lideraram a aplicação do diagnóstico, levantaram informações e as socializaram para apoiar o desenvolvimento dos observatórios, particularmente o institucional, coordenado por elas. As autoridades das agências estatais presentes nas comunidades participaram, sobretudo, ajustando as suas iniciativas e ofertas às necessidades da comunidade, de acordo com a sua cultura. Todos eles foram motivados e orientados pela proposta de mediação e acompanhamento das fundações Promigas e Alpina, e com o acompanhamento especializado da Fundação Fucai.

Contudo, conforme comenta Sandra Castro, “dos três segmentos envolvidos, a família, a comunidade e a institucionalidade local, este último foi o mais lento. Os entes territoriais marcaram presença e fizeram promessas, mas agiram pouco. Ainda segue sendo o mais lento”.

O futuro contém muito do passado

O esforço de reflexão e construção deixou claro que muitos dos problemas são gerados pela pressão da cultura ocidental, que fez com que os mais jovens abandonassem as práticas produtivas tradicionais, com as quais garantiam a sobrevivência, e o que levou o Estado a oferecer soluções exógenas que não favoreciam a boa nutrição e a saúde das comunidades.

Tradicionalmente, a comunidade Wayúu consumia alimentos que não possuem os mesmos nutrientes que os de consumo ocidental. Por exemplo, cultivavam o seu próprio café do deserto, sem cafeína, e agora recebem café moído. Cultivavam um grão que possui ao menos quatro nutrientes a mais que a soja, que foi deixado de lado para oferecer bienestarina⁵ às crianças.

Como resultado do processo, foram recuperadas as hortas comunitárias para produzir, entre outros alimentos, o seu próprio café, milho e abóbora, que é utilizado para fazer o Yahashi, para substituir o suco industrializado que era oferecido na alimentação escolar. Hoje, todas as comunidades contam com uma horta comunitária.



⁵ A Bienestarina é um complemento alimentar produzido pelo ICBF, que contém uma mistura de cereais, vitaminas e minerais, destinado à alimentação de crianças a partir dos 7 meses de vida, especialmente as mais vulneráveis, que são os grupos pré-escolares entre 1 e 6 anos; adolescentes de 12 a 18 anos; e mulheres grávidas e lactantes.

Também foi recuperada a sabedoria dos avós, cujo distanciamento debilitara tanto física quanto emocionalmente a comunidade. Eles ajudaram a recuperar as práticas culturais, como a construção de poços profundos para recolher água, o cultivo de alimentos, e a encontrar caminhos para enfrentar as múltiplas dificuldades.

Com o Watta Ka>ii e graças à gestão das autoridades tradicionais, as quais lideraram os processos, como a revisão das ofertas das EPS, a porcentagem de filiados ao sistema de saúde passou de 40% para 93%. Em 2015, conseguiu-se que 95% da população com menos de 10 anos destas seis comunidades tivesse acesso a atenção nutricional com enfoque comunitário, campanhas de vacinação, controles de crescimento, alimentação complementar e educação por parte do Estado, com a supervisão das autoridades indígenas. Além disso, conseguiu-se que todas as comunidades trabalhassem com o descarte correto de excretas e hoje contam, também, com um sistema de controle e eliminação de lixo.

Também se conseguiu reduzir a identidade dupla⁶ de 20% para 3%, para que essas pessoas pudessem exercer o seu direito de voto e receber os serviços de educação e saúde.

Outra dimensão importante conquistada é destacada por Sandra Castro: “mostramos que as mesas inter-setoriais eram possíveis, e que a abordagem dada a essas iniciativas não deveria ser assistencialista, mas de fortalecimento de vozes e capacidades internas, de recuperação de práticas tradicionais, de recuperação de cultivos”.

Despertamos

Com 64 anos, Zaida Cotes viu passar diante de seus olhos marrons boa parte da história da comunidade Waimaral, da qual hoje é uma autoridade tradicional. Zaida e sua sobrinha Kenia, professora nessa comunidade que reúne 50 famílias que se dedicam ao pastoreio, à produção de carvão vegetal e à extração de areia do rio, colaboraram ativamente com o WattaKa>ii.

“Quando as pessoas perguntam, nós só nos aproximamos, pegamos a *ayaawataa* e as pessoas se surpreendem – disse Zaida. Eu tenho uma grande *ayaawataa* na minha casa. E cada criança que vai nascendo eu coloco a sua bolinha, assim sei quantas gestantes há, quantas crianças menores de cinco anos (são 50 na comunidade). Nós estamos bem organizados”.

“A comunidade de Waimaral era uma comunidade, por assim dizer, até mesmo desunida. Mas a WattaKa>ii trouxe-nos a união. É como se estivéssemos sonhando, e para nós foi como um

⁶ A identidade dupla tem origem em práticas políticas ilegais que manipulam o voto dos cidadãos. Isso causa a duplicidade de identidade ou a sua perda, fazendo com que os cidadãos percam o acesso a diversos serviços do Estado.



Conseguiu-se reduzir a dupla identidade para que a comunidade pudesse exercer o direito ao voto e receber os serviços de educação e saúde.

despertar. Primeiro aprendemos como deveríamos nos organizar. Foi feito um censo, com o qual percebemos quantas crianças não tinham registro civil, quantas crianças corriam risco por desnutrição, quantos jovens não possuíam cédula de identidade, quem éramos nós e quantos anciãos”.

“Aprendemos também a trabalhar a yüüja, que é a horta. Meu pai morreu há 30 anos e desde então não tínhamos mais horta. Dela tirávamos todo o nosso alimento, a cada filho dava um pedacinho, mas quando meu pai morreu, ninguém continuou esse trabalho. Minha mãe comprava às vezes mandioca, às vezes abóbora. Hoje temos um hectare semeado de mandioca, e no ano passado colhemos três caminhões de melancia. Retomamos o nosso costume de ir à beira da praia, pois os Wayúu do lado não possuem cultivos, mas têm peixes. Saía um, e fazia a troca”.

Kenia interpõe pelos avós: “Outra coisa. Aqui, nossos anciãos são a biblioteca que tinha sido abandonada. Hoje são levados para a aula, para as diferentes atividades, para que contem às crianças como foi a sua infância, o que faziam quando eles eram crianças, para que a história oral não se perca. E, quando há uma dúvida, eles são consultados”.

Tudo está por fazer

Depois de um ano após o fim do projeto (dezembro de 2015), o observatório continua sendo um potente instrumento para o monitoramento da mortalidade infantil e da desnutrição, assim como para a elaboração de estratégias para combatê-las.

A Fundação Promigas encontra-se realizando, em 2017, a sistematização e avaliação da experiência. “Sempre agimos da mesma forma – ressalta Julio Martín –, montamos um projeto piloto, esperamos um tempo, avaliamos, e depois pensamos em ampliar a escala de seu alcance”.

“Mas está claro para nós um elemento chave: a dimensão escola-comunidade. É um elemento central. Quando queremos transformar a vida das crianças, temos que trabalhar com a escola, mas também com as comunidades, temos que trabalhar com as famílias que cuidam das crianças. E isso se aplica tanto para os temas de educação quanto para os de nutrição e saúde”.

“Há um segundo aspecto chave: a experiência de trabalhar com as autoridades tradicionais. Penso que é preciso afinar esse processo. Eu diria que talvez esse projeto piloto seja como abrir a porta para um novo espaço de aprendizagem. Estamos apenas começando. Todas essas coisas a gente as coloca como se fossem um produto final, mas, para mim, é o ponto de partida de um processo incipiente. Há resultados, há frutos, há experiências muito positivas, mas penso que tudo ainda está por fazer”. •



Os avós ajudaram a recuperar as práticas culturais e a encontrar caminhos para enfrentar as dificuldades.